

As Origens do Cristianismo

TAYLOR, Justin.
São Paulo: Paulinas, 2010.

*Prof. Me. Mauro Negro, OSJ**

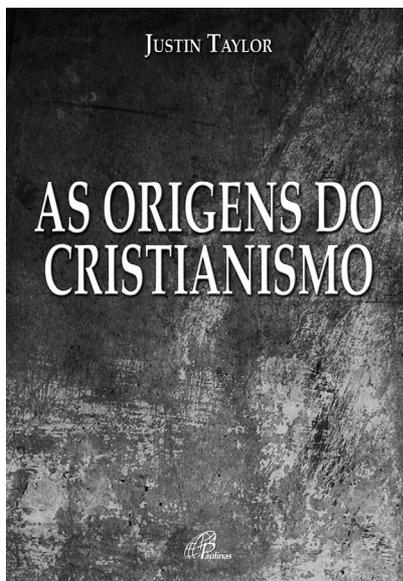
O livro *As origens do Cristianismo* é de autoria do biblista neozelandez da École Biblique de Jerusalém, Justin Taylor. Sua especialidade em Novo Testamento dá-lhe condições de abordar a história do Cristianismo primitivo a partir dos textos, dos seus contextos e apontar caminhos teológicos que lhe são inerentes.

A publicação em português foi feita pelas Edições Paulinas, no ano 2010. A original data de 2001. É uma obra interessante pelas perspectivas que apresenta e por introduções a temas que merecem ser mais explorados. O que chama à atenção são os vários modos diferentes de abordagem, novos ou renovados caminhos para a exegese e para a teologia bíblica.

O texto está dividido em sete capítulos. A princípio não parecem ter muita sequência temática lógica, mas quando se começa a ler percebe-se que os capítulos são o fio condutor da compreensão do fenômeno histórico Cristianismo e Jesus Cristo. Tais capítulos são assim nomeados:

Cap. 1: Pontos de partida;

Cap. 2: Batismo e Eucaristia;



* Professor de Teologia Bíblica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, e-mail: mauronegro@uol.com.br

Cap. 3: A Galiléia judaica;

Cap. 4: A missão para os gentios;

Cap. 5: Tiago, Paulo e Pedro;

Cap. 6. A Aliança;

Cap. 7: E Jesus?

O livro apresenta ainda uma introdução, uma conclusão, uma leitura adicional, um apêndice e um glossário de termos e nomes. É certamente um dos interessantes e instigantes textos de historiografia do Novo Testamento publicado nos últimos tempos. Ele vai para direções diferentes dos diversos estudos a respeito de Jesus e do fenômeno histórico Cristo e Cristianismo. A estrutura elencada acima é apenas um indicativo do conteúdo do livro. Estes capítulos podem ser resumidos do seguinte modo:

1. Há pontos de partida para a compreensão do fenômeno histórico Jesus e seu grupo de discípulos/seguidores. Estes pontos, segundo Taylor, podem ser encontrados nos episódios do batismo de Cornélio em Atos dos Apóstolos 10, e da chamada noite de Trôade, quando Paulo prega, um jovem sofre um incidente e o Apóstolo o ressuscita, em Atos 20. O que pode parecer dois episódios sem mais relevância, para Taylor é o fundamento do evento que se chamará cristianismo.

2. Os dois ritos que identificam o cristianismo são o Batismo e a Eucaristia. Segundo Taylor estes ritos não são invenções cristãs, mas sim práticas preexistentes do próprio judaísmo. Já se sabia um pouco sobre isto e as descobertas vão se sobrepondo. A questão é que o autor faz uma leitura diferente, que implica tensões e contradições com muitos estudos atuais. O mesmo autor indica que o batismo cristão herdado de João Batista, como prática e de Jesus como rito de identificação, faz parte de um grupo maior. São como judeus “alternativos” que levaram o nome de “essênios”. Segundo Taylor este é o grupo fundamental ou de base, o qual se chamará cristianismo. Isto acontecia na Galileia, pátria do movimento de Jesus.

3. Este estado de coisas leva o autor a considerar a importância da Galileia dentro do contexto do surgimento do Cristianismo. Esta região era plena de contradições, com um judaísmo tradicional, mas também marcado pelas influências pagãs. Segundo Taylor lá é que o Cristianismo foi forjado e criou a identidade com a qual passou a ser conhecida nos textos do Novo

Testamento. Mas ele insiste em investigar as raízes galilaicas do fenômeno cristão. Para ele, este fenômeno que compõe o que se chamará depois de cristianismo, não é apenas algo nascido da pregação de Jesus Cristo, mas ele é uma parte do todo. Certamente a parte mais importante e visível, mas uma parte de algo maior que os textos do Novo Testamento não deixam muito às claras.

4. A quarta parte, que é também o capítulo quatro, continua o argumento que tem por centro a Galileia. A questão é que a proposta cristã foi feita de modo claro e quem a ouviu primeiramente foram os galileus. Agora eles se tornam os arautos em um mundo não mais judaico, mas sim pagão. Surge a ideia do Messias e de sua identidade. Este capítulo e o anterior parecem que forma o núcleo do trabalho de Justin Taylor. Em outras palavras, o fenômeno Jesus Cristo, como é apresentado em muitos textos narrativos do Novo Testamento, é fruto da experiência do discipulado dos galileus em um mundo pagão ou cercado de paganismo. O Cristianismo nasce sob o signo da contradição, da oposição de tendências rivais.

5. O quinto ponto, coincidindo com o capítulo cinco, aborda em paralelo, e algumas vezes em confronto, as figuras apostólicas originais de Tiago, Pedro e Paulo. O livro de Atos dos Apóstolos é apenas a ponta do iceberg das dificuldades e lutas intestinas do cristianismo nascente. Estes antigos discípulos de Jesus, agora líderes da comunidade cristã, são os centros de gravitação da experiência cristã. O que o Novo Testamento preservou como texto é pouco e as controvérsias, os conflitos e até perseguições internas, fruto de interpretações diversas, divergentes e até opostas demonstram que o nascimento do cristianismo foi como um parto cheio de riscos, complicado, doloroso. O fruto foi uma realidade e situação que surpreende pela capacidade de se recuperar, de assimilar e superar.

6. O sexto capítulo aborda a Aliança, importante conceito para a compreensão de toda a Revelação bíblica. O autor parte da Aliança com o judaísmo e indica que tal Aliança se desdobra de modo quase que espontâneo, no cristianismo. Interessante é a menção ao conceito ou ideia trinitária que parece ser algo mais antigo, pela sugestão do autor, do que se imaginava.

7. O sétimo e último capítulo, o menor de todos, é uma abordagem de Jesus do ponto de vista de quem estava pré-disposto a uma revelação, a uma intervenção de Deus na história. A insistência é a da presença histórica de um fenômeno marcante e decisivo. O autor indica caminhos interessantes

de investigação ao sugerir o perfil do grupo (seguramente muito grande e disperso) que compôs os textos do Novo Testamento.

O livro de Justin Taylor é interessante, como dissemos acima, sendo sua leitura um pouco exigente para quem não tem iniciação à linguagem teológica, bíblica e histórica. Às vezes parece um pouco confuso na sua tradução e, sinceramente, em algumas partes quase assusta com afirmações não muito comuns na área bíblica. É um livro provocatório. Acho que pode ser melhorado e ter aprofundados alguns de seus aspectos, bem como afirmações que carecem de uma melhor precisão. Sugiro que seja lido com interesse e dedicação.